



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

TAÍS SOUSA DOS SANTOS

TRAUMA E VIOLÊNCIA SEXUAL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA OBRA
DESCONSTRUINDO UNA

FORTALEZA

2021

TAÍS SOUSA DOS SANTOS

TRAUMA E VIOLÊNCIA SEXUAL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA OBRA
DESCONSTRUINDO UNA

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Karla Patrícia Holanda Martins

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S239t Santos, Taís Sousa dos.
Trauma e Violência Sexual : considerações a partir da obra *Desconstruindo Una.* / Taís Sousa dos Santos. – 2021.
52 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Psicologia, Fortaleza, 2021.

Orientação: Profa. Dra. Karla Patrícia Holanda Martins.

1. Trauma. 2. Violência Sexual. 3. Testemunho. 4. Una. I. Título.

CDD 150

TAÍS SOUSA DOS SANTOS

TRAUMA E VIOLÊNCIA SEXUAL: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA OBRA
DESCONSTRUINDO UNA

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Karla Patrícia Holanda Martins (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Vlória Jamile dos Santos Jucá
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Paulo Alves Parente Júnior
Faculdade UNINTA

À Margarida e à Fátima.

AGRADECIMENTOS

À minha família por todo amor, incentivo e confiança. Em especial à minha mãe Euderisa que sempre apostou nos meus sonhos.

Às minhas amigas que compartilharam do sonho de mudar de cidade para fazer faculdade e hoje se tornaram minha família aqui em Fortaleza: Gisele e Natália.

Às amigadas que fiz durante meu percurso na UFC, em especial àquelas cujas relações ultrapassaram os muros da universidade e adentraram minha casa: Cris e Mari. Obrigada por todas as contribuições ao longo desses cinco anos. A amizade de vocês foi muito importante para minha permanência nesta cidade.

À Profa. Dra. Karla Martins pelo acolhimento, não só nesta orientação, como em todo o trabalho desenvolvido desde pesquisa, extensão e supervisão de estágio.

Aos demais amigos que encontrei nestes seis anos, obrigada por me apresentarem à cidade. Hoje sinto que também faço parte dela por meio da amizade de vocês.

“Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (GAGNEBIN, 2006, p. 57).

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o potencial do, ou, o caráter traumático que a violência sexual pode assumir na infância, a partir da narrativa escrita por mulheres adultas. Para isso, recorreu-se às contribuições do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi, principalmente àquelas que dizem respeito à teoria do trauma patogênico. Para Ferenczi, o trauma patogênico é consequência do descrédito da violência e do sofrimento. A investigação foi realizada a partir da obra *Desconstruindo Una*, da autora inglesa Una, que rememora, por meio de uma composição entre escrita e imagem, a violência sexual sofrida por ela na infância. A partir da obra foi possível estabelecer e tecer considerações acerca da relação entre trauma, angústia, culpa, vergonha e silêncio. A Literatura é compreendida enquanto espaço de subjetivação do trauma, tanto para quem escreve sobre suas experiências, quanto para outras mulheres que passaram por eventos traumáticos semelhantes, mas que nunca falaram sobre eles. Contribuição importante para este trabalho foram os estudos acerca da Literatura de testemunho e do conceito de testemunho, já que é o reconhecimento do sofrimento que possibilita os meios para a narração e para a representação da cena traumática. A investigação e estudo do tema podem contribuir para a discussão acerca da dimensão social do trauma, além de ser um debate que nos últimos anos vem ganhando visibilidade social e movimentos organizados, especialmente nas redes sociais, onde as vítimas, na maioria dos casos, mulheres, falam pela primeira vez sobre as violências sofridas.

Palavras-chave: Trauma. Violência Sexual. Literatura. Testemunho. Una.

ABSTRACT

The aim of this study is to investigate the potential of, or, the traumatic character that the sexual violence can assume in the childhood according to adult women's narratives. For this, it was required the contributions of the Hungarian psychoanalyst Sándor Ferenczi, especially those that are related to the theory of pathogenic trauma. According to Ferenczi, the pathogenic trauma is a consequence of the discredit of violence and suffering. The investigation was based in the work *Becoming Unbecoming*, by the English writer Una, that remembers, through a composition between writing and image, the sexual violence suffered by her in the childhood. Thanks to this work, it was possible to establish and make considerations about the relation between trauma, anguish, fault, shame and silence. The Literature is understood as a space of subjectivation of trauma, both for who write their experiences and for other women who have passed through similar traumatic events, but that have never spoken about them. An important contribution for this study was the works surrounding the Literature of the witnesses and the conception of witness, since it is the recognition of suffering that makes possible the ways for the narration and for the representation of the traumatic scene. The investigation and the study of this theme can contribute to a discussion about a social dimension of the trauma, as well as being a debate that in the last years has gained social visibility and organized movements, especially in the social media, where the victims, in the most part of the cases, women, talk, for the first time, about their suffered violence.

Keywords: Trauma. Sexual Violence. Literature. Witness. Una.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. TEORIA FERENCZIANA DO TRAUMA	15
2.1 Quem foi Ferenczi?	15
2.2 Teoria ferencziana do trauma	17
2.2.1 O conceito de introjeção	17
2.2.2 Trauma: duas perspectivas	18
2.2.3 Confusão de línguas	19
2.2.4 O primeiro tempo do trauma: Choque e comoção psíquica	20
2.2.5 O segundo tempo do trauma: Descrédito	21
2.2.6 Clivagem traumática e Identificação com o agressor: metapsicologia do trauma	22
2.3 Atualidade do trabalho de Ferenczi	24
3. A DIMENSÃO INTERSUBJETIVA DO TRAUMA	25
3.1 Desconstruindo Una	26
3.2 Trauma e angústia	28
3.3 Trauma e culpa	29
3.4 Trauma e vergonha	30
3.5 Trauma e a dimensão do silêncio	33
3.6 Figurabilidade do trauma	37
4. EFEITOS SUBJETIVOS DA NARRAÇÃO E DO TESTEMUNHO	40
4.1 Testemunho	40
4.2 Testemunho e Literatura	42
4.3 Efeitos subjetivos da narração	44
4.4 Empréstimo da palavra	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema da teoria do trauma surgiu em uma disciplina ofertada no curso de Psicologia na Universidade Federal do Ceará (UFC). Um dos objetivos da disciplina era apresentar o trabalho do psicanalista húngaro Sándor Ferenczi. A escrita de um ensaio acadêmico para o encerramento da disciplina suscitou o interesse pelo estudo de experiências traumáticas vivenciadas, principalmente por mulheres, em contextos de violência sexual. Muitos questionamentos acerca da dimensão social do trauma e das possibilidades de trabalho diante de experiências traumáticas começaram a surgir após a escrita do ensaio. Uma base importante que colaborou para a manutenção do interesse, e que também foi fonte de mais inquietações, foi a experiência de estágio em Processos Clínicos e de Atenção à Saúde na Clínica Escola de Psicologia da UFC. A dimensão de silêncio, paradoxalmente, associada à tentativa de relato dos pacientes da experiência traumática na clínica psicológica também suscitava um interesse pelas relações entre o trauma e o tempo retroativo do inconsciente, relativo ao só depois (*a posteriori*).

A violência sexual contra crianças e adolescentes é descrita por estudiosos como experiência em que esses sujeitos são usados como objetos de satisfação, sendo forçados ou aliciados a práticas sexuais. O abuso sexual é uma das manifestações desse tipo de violência, assim como a exploração sexual. No primeiro, é comum que a violência seja praticada por alguém que é amigo ou que faz parte do núcleo familiar da vítima, a criança, no caso, é forçada, ameaçada ou seduzida a manter práticas sexuais. No segundo, existe uma relação de mercantilização, as práticas sexuais são mantidas, principalmente, por meio do dinheiro, gratificações ou presentes (CHILDHOOD, 2015).

De acordo com o compilado dos anuários do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), na última atualização em 2018, 81,8% das denúncias apuradas pelos órgãos públicos responsáveis é de violência sexual cometida contra mulheres, que em sua maioria tinham até 13 anos (53,8%) e eram negras (50,9%). Em outras palavras, quatro meninas de até treze anos são estupradas por hora no Brasil (FBSP, 2018).

No Brasil existem alguns órgãos federais que recebem denúncias e que atuam conforme os procedimentos necessários nos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes, como o disque 100 do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MDH), Ministério da Saúde (MS) e Conselhos Tutelares. Por haver diferença nos registros desses órgãos e dos demais meios de notificação, é difícil estimar a dimensão dessa

violência. No entanto, é possível apreciar a estimativa de que apenas 10% dos casos de abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes são notificados (CHILDHOOD, 2019).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em casos de violência sexual, sendo compreendido tanto o abuso quanto a exploração sexual, assegura como direito de crianças e adolescentes, o acesso à escuta especializada e ao depoimento especial, visando a urgência, evitando o que se chama de revitimização, já que se pressupõe que as vítimas relatem o caso de oito a dez vezes durante um processo judicial; além de serviços de proteção, assistência à saúde, junto às redes de atenção psicossocial, e assistência social (BRASIL, 1990 e BRASIL, 2017).

Diante das estatísticas alarmantes de notificação e de subnotificação, o panorama brasileiro de violência sexual contra crianças e adolescentes é muito complexo, desde o ato da denúncia até a tomada das medidas cabíveis em cada caso. As crianças e adolescentes que encontram proteção e assistência, logo em seguida à violação, não estão isentas de todo o sofrimento que uma experiência extrema de violência como esta pode causar, assim como os efeitos subjetivos produzidos, para as que permanecem na situação de violência, seja porque sofreram tempo prolongado seja porque não conseguem falar sobre o ocorrido, podem ser ainda mais desafiadores para esses sujeitos.

Um dos objetivos deste trabalho, por assim dizer, é investigar o potencial do, ou, o caráter traumático que uma violência sexual pode assumir para crianças, por meio das contribuições à teoria do trauma feitas pelo psicanalista Sándor Ferenczi. Para tal, recorreu-se às narrativas escritas por mulheres que sofreram violência sexual durante a infância, em especial, uma *graphic novel* da escritora e ilustradora inglesa Una, chamada *Desconstruindo una*¹.

O uso da literatura não se reduz a uma simples exemplificação ou aplicação da teoria aqui trabalhada. Ela é utilizada como suporte da discussão. Em outras palavras, as possibilidades de compreensão que serão abertas não se propõem a um diagnóstico da obra ou da autora. Compreende-se que a Literatura e a Psicanálise são campos distintos de saber, e o uso da Literatura em um estudo psicanalítico não deve servir como um objeto a ser interpretado, nem a uma aplicação de conceitos ou uma retirada de conceituações psicanalíticas do texto literário. O que aproxima os dois campos, acima de tudo, é a palavra e seus deslizamentos. “Ambas dizem o que na vida ordinária e comum não podemos ouvir. Elas

¹ Título original *Becoming Unbecoming*.

se encontram na condição de signo desautomatizante, desalienante, inusitado, que rompe o status quo da língua e desafia o que teima em se acomodar” (ROSEMBAUM, 2012, p. 226).

A Literatura se apresenta como um campo de saber privilegiado pela Psicanálise desde o início de sua formulação por Freud. Teixeira (2005) apresenta esse argumento apontando para o modelo discursivo presente nos escritos de Freud, que foge do modelo médico de descrição esperado. A autora sublinha ainda o uso da mitologia como parte da sustentação da construção que Freud elaborou no início, “abrindo uma visão em outra realidade e alargando a existência humana e suas possibilidades” (TEIXEIRA, 2005, p. 119), sendo os personagens Édipo e Narciso exemplos dessa extensão.

A Literatura é compreendida como campo privilegiado de inscrição e transmissão do saber inconsciente, tanto esta quanto a Psicanálise representam possibilidades de acesso ao real (TEIXEIRA, 2009 *apud* MARTINS, 2010). Freud (1907/2015, p. 16) defendia que:

[...] os escritores são aliados valiosos e seu testemunho deve ser altamente considerado, pois sabem numerosas coisas do céu e da terra, com as quais nem sonha a nossa filosofia. No conhecimento da alma eles se acham muito à frente de nós, homens cotidianos, pois recorrem a fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência.

Sampaio (2005) *apud* Moraes (2011) afirma que ambos, psicanalista e escritor, se utilizam da ambiguidade e deslizamentos de sentido das palavras para produzir novos sentidos, efeitos reverberativos e dissonantes. Vale ressaltar que Literatura e Psicanálise não são a mesma coisa, uma não se reduz à outra, existem especificidades em ambas as formas de saber que delimitam suas fronteiras. De um lado a Literatura se localiza no campo das artes, enquanto a Psicanálise se constitui enquanto um saber teórico-clínico. São as aproximações entre elas que permitiram à Psicanálise encontrar na Literatura um espaço de criação particular, que a ciência e a psiquiatria clássica não possibilitaram.

É partindo dessa compreensão que a obra *Desconstruindo Una* será abordada. Questionamentos acerca da Literatura enquanto espaço de subjetivação do trauma serão considerados tanto a partir de quem escreve sobre suas experiências, quanto de quem as lê, especialmente outras mulheres que passaram por eventos traumáticos semelhantes, mas que nunca falaram sobre eles.

No primeiro capítulo serão abordados os conceitos ferencianos da teoria do trauma. A escolha de tais conceitos vai de encontro com o que é possível observar também nas produções de mulheres que passaram por experiências de violência de sexual, as quais serão melhor aprofundadas no capítulo seguinte, os quais são trabalhos especialmente relacionados

à questão da angústia, da culpa, da vergonha e do silêncio. O último capítulo traz reflexões acerca dos efeitos subjetivos da narração e do empréstimo da palavra. A investigação e estudo do tema podem contribuir para a discussão acerca da dimensão clínica e social do trauma, além de ser uma discussão que pode dialogar com o fenômeno presente nas mídias sociais nos últimos anos, quanto à necessidade das vítimas de tornarem públicas e de testemunharem as violências sofridas.

2 TEORIA FERENCZIANA DO TRAUMA

2.1 Quem foi Ferenczi?

Sándor Ferenczi nasceu em uma pequena cidade chamada Miskolc, no ano de 1873, na Hungria. Era filho de Bernáth Ferenczi e Róza Fränkel, ambos imigrantes poloneses e judeus. Tiveram juntos 11 filhos, Sándor Ferenczi era o oitavo filho do casal. Seu pai era um ex-combatente, havia lutado como voluntário contra os Habsburgos pela independência da Hungria, bem como livreiro e editor. Organizava concertos em sua residência, tornando-a um espaço propício para o encontro de artistas e intelectuais, húngaros e estrangeiros. Quando seu pai faleceu, foi sua mãe quem passou a cuidar da administração da livraria (BALINT, 1991).

Ferenczi fez seu curso de medicina em Viena, na Áustria, e no ano de 1894, com 21 anos de idade, recebeu seu diploma. Nos anos seguintes, prestou serviço militar no exército austro-húngaro. Estabeleceu-se em Budapeste, capital da Hungria, trabalhando no hospital St. Roch como clínico geral em 1897 e trabalhou também no serviço de neuropsiquiatria do hospital Elizabeth em 1900 (PINHEIRO, 2016).

O contato inicial com a psicanálise se deu através da leitura da obra “*Interpretação dos Sonhos*” (1900) de Sigmund Freud. Conheceu Freud em 2 de fevereiro de 1908, ingressando na psicanálise neste mesmo ano. O primeiro texto publicado por Ferenczi como psicanalista, também no ano de 1908, tinha como título “Do alcance da ejaculação precoce” (PINHEIRO, 2016). No mesmo ano Freud convidou Ferenczi a apresentar uma comunicação no primeiro Congresso de Psicanálise em Salzburgo, intitulado “*Psicanálise e Pedagogia*”, e também o convidou para uma visita em Berchtesgaden, onde Freud passaria uma temporada de férias com sua família. No ano seguinte, em 1909, acompanhou Freud e Jung em uma viagem aos Estados Unidos, por ocasião do 20º aniversário da fundação da Universidade Clark em Worcester, Massachusetts. Ainda em 1909, Ferenczi escreve um artigo intitulado “Transferência e introjeção”, conceito muito importante para o desenvolvimento teórico de sua obra (BALINT, 1991 e PINHEIRO, 2016).

Em 1910 no II Congresso de Psicanálise realizado em Nüremberg, na Alemanha, Ferenczi fez uma apresentação sobre a história do movimento psicanalítico, bem como foi escolhido por Freud para propor, por meio de sua apresentação, a criação da International Psychoanalytical Association (IPA). Em seguida, Ferenczi fundou em 1913 a Sociedade Húngara de Psicanálise. De 1914 a 1916 Ferenczi teve Freud como analista. Em 1917 Ferenczi teve a doença de *Basedow*, doença que gera uma anomalia no funcionamento da

glândula tireoide, e uma tuberculose, classificadas por ele mesmo como problemas psicossomáticos (PINHEIRO, 2016).

Foi convocado para servir no exército, por ocasião da primeira guerra mundial, como médico-chefe em uma unidade de Pápa, pequena cidade da Hungria. Depois foi transferido para Budapeste, atuando como neuropsiquiatra em um hospital militar. Nesse mesmo período Ferenczi se empenhou na leitura de Lamarck, dando início às suas ideias que compõem sua obra “*Thalassa*”, finalizada em 1924. Foi oferecido a Ferenczi a primeira cátedra de Psicanálise, recém criada e primeira do mundo, após a independência da Hungria em 1919 (BALINT, 1992 e PINHEIRO 2016).

Sua publicação de 1929, “*A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*”, antecede o que viria a se tornar a teoria do trauma, que será abordada mais adiante. Outro texto muito importante para a construção de sua teoria teria sido fruto de uma comunicação feita, no mesmo ano, no Congresso de Oxford. Na ocasião o texto foi intitulado “*Progresso da técnica analítica*”, em 1930, foi publicado com o título “*Princípio de relaxamento e neocatarse*”. Essa apresentação marca alguns desentendimentos que Ferenczi viria a ter mais tarde com Freud, principalmente de cunho teórico, o conteúdo apresentado fazia parte de reflexões teóricas que Freud não concordava. Após essa comunicação Ferenczi passou a ser conhecido como o “*enfant terrible*” da psicanálise (PINHEIRO, 2016).

Entre 1928 e 1933, Ferenczi se dedicou à elaboração teórica e à publicação de artigos sobre sua teoria do trauma, sendo eles: “*A adaptação da família à criança*” de 1928, “*A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*” de 1929, “*Princípio de relaxamento e neocatarse*” de 1930, já citados, “*Análise de crianças com adultos*” de 1931 e “*Confusão de línguas entre os adultos e a criança*” apresentado no Congresso de Wiesbaden em 1932, e publicado no ano seguinte (PINHEIRO, 2016).

No dia 22 de maio de 1933, aos 59 anos de idade, Ferenczi faleceu por causa de problemas respiratórios ligados à anemia perniciosa. Foi divulgado que Ferenczi sofria de uma psicose, era comum na época a suposição de que a anemia perniciosa poderia provocar uma psicose. Por muitos anos Ferenczi foi sequer reconhecido como um dos presidentes da IPA, após sua morte, alguns de seus amigos testemunharam em favor de sua sanidade mental, uma tentativa de desfazer as afirmações de “*regressão mental evidente*” em seus últimos escritos, como foi divulgado (PINHEIRO, 2016).

2.2 Teoria ferencziana do trauma

2.2.1 O conceito de introjeção

Introjeção é o primeiro conceito postulado por Ferenczi. Podem-se citar dois textos como fundamentais para o seu entendimento: o primeiro é de 1909, intitulado “*Transferência e introjeção*”, e o segundo de 1912, “*O conceito de introjeção*”. No primeiro artigo, (FERENCZI, 1909/1991, p. 84) o apresenta como um mecanismo básico de funcionamento do psiquismo neurótico, opondo ao conceito de projeção característico da paranoia, escreve: “[...] o paranóico projeta no exterior as emoções que se tornaram penosas, o neurótico procura incluir em sua esfera de interesses uma parte tão grande quanto possível do mundo externo.”.

Ainda no mesmo artigo, o autor diz que o recém-nascido experimenta tudo de modo monista, quer sejam estímulos externos quer sejam processos psíquicos. Mais tarde o bebê aprenderá que algumas coisas são inacessíveis à sua vontade, à introspecção, e que outras estão mais facilmente ao alcance de sua vontade. O monismo será convertido em dualismo por meio de duas operações. Ao excluir objetos de sua massa de percepções, até então unitária, a criança forma com eles o mundo externo. Esta operação Ferenczi chamou de projeção e a marca como uma “projeção primitiva”. Uma parte do mundo externo não se deixa expulsar com facilidade do ego e persiste em sujeitar-se. Por sua vez, o ego acaba cedendo e reabsorve uma parte do mundo externo, incluindo-a em seus interesses. Assim se constitui a primeira introjeção, que Ferenczi chamou de “introjeção primitiva”.

No artigo “*O conceito de introjeção*”, Ferenczi (1912/1991, p. 181, grifo do autor) faz alguns apontamentos, a fim de sanar dúvidas que foram suscitadas no artigo anterior. Nesse, descreve introjeção como:

[...] a extensão ao mundo externo do interesse, auto-erótico na origem, pela introdução dos objetos exteriores na esfera do ego. [...] considero todo *amor objetal* (ou *toda transferência*) como uma extensão do ego ou introjeção, tanto no indivíduo normal quanto no neurótico (e no paranóico também, naturalmente, na medida em que ele conservou essa faculdade).

Verztman (2002, p. 66) aponta que uma das características importantes do trabalho de introjeção é seu movimento de “antiinteriorização”, que seria a capacidade de lançar o eu para fora de si. Ressalta ainda que Ferenczi, ao falar da expansão do ego, como na citação anterior, não está se referindo ao “[...] aumento da densidade hidráulica do reservatório narcísico, mas sim da sua capacidade de se inserir no mundo, de aumentar seu vínculo com muitos objetos, de expandir os mais variados laços de dependência com os outros.”. Seguindo o raciocínio de importância, Pinheiro (2016, p. 32) destaca que na obra ferencziana o fenômeno da introjeção

não se dá isolado ou aleatoriamente, ele é a forma de funcionamento do psiquismo, aquilo que ele pode e sabe fazer: “a capacidade de dar sentido ou de se apropriar do sentido, a capacidade de fantasiar e de fazer identificações.”.

Outro aspecto importante a ser destacado no trabalho de introjeção é sua relação com a linguagem. Pinheiro (2016, p. 32) a descreve da seguinte forma:

Ferenczi considerou que, unicamente por meio da introjeção, um sentido pode tornar-se passível de ser apropriado. Dito de outra maneira, é a introjeção que, pela inclusão do objeto, faz deste aparelho psíquico um aparelho de linguagem, ou ainda: é a introjeção que operacionaliza esse aparelho de linguagem. Dessa maneira, subverte, também, a noção de relação de objeto para a psicanálise. O objeto, como apontei em 1995, nada mais é que o suporte daquilo a que visa a introjeção, ou seja, a apropriação dos sentidos dos quais o objeto é portador.

Nota-se, a partir da citação, a importância do outro e da relação estabelecida com o outro no processo de introjeção, haja vista ser ele que, enquanto objeto, mediará o universo simbólico a ser apropriado pela criança. “Por um lado, este conceito aponta para a vocação do ser humano de se voltar para o ambiente e para os outros humanos, por outro lado é a introjeção que faz do aparelho psíquico um aparelho de linguagem.” (PINHEIRO, 2016, p. 33).

2.2.2 Trauma: duas perspectivas

A obra ferencziana apresenta duas perspectivas sobre o trauma. Uma delas aparece em seu trabalho de 1924, *Thalassa*, ou *Katastrófák* na edição em húngaro, na qual o psicanalista reflete e elabora ideias a partir da teoria lamarckiana da evolução das espécies e desenvolve uma teoria da genitalidade, associada às perdas traumáticas, porém constitutivas. As catástrofes fazem parte da evolução das espécies e, sob determinadas condições, aqueles que vivem a catástrofe podem responder às bruscas mudanças, avançando na sua perspectiva evolutiva.

Ferenczi estabeleceu um paralelo dessa teoria filogenética com o próprio desenvolvimento sexual, dando ênfase à análise do coito. As catástrofes da evolução da espécie obrigam os animais a se adaptar e encontram-se repetidas na ontogênese e na vida psíquica dos seres humanos (PINHEIRO, 2016, p. 82).

Nesse raciocínio, a catástrofe é apresentada como um fenômeno externo que, ao incidir, exige um processo de adaptação à nova situação. A evolução filogenética, assim como a ontogenética postulada por Ferenczi em seu artigo, representa uma sucessão de catástrofes e adaptações. O trauma é apresentado pelo autor como um agente exógeno que afeta o aparelho psíquico mobilizando-o. O trauma não implica, necessariamente, em dano, prejuízo ou

aniquilação, alguns traumas são, além de inevitáveis, fundamentais para a estruturação e para a organização psíquica. O que possibilita que o trauma aconteça nesses termos é a capacidade que o aparelho psíquico tem de lidar com o evento traumático, integrando-o ao seu universo de significados (PINHEIRO, 2016).

A outra perspectiva do trauma, conforme proposto pelo autor, está ligada a impossibilidade de integração ou de metabolização do evento pelo aparelho psíquico, ao contrário do trauma estruturante, os efeitos produzidos por tal evento ameaçam a existência do eu. Para que o trauma seja considerado desestruturante alguns fatores precisam ser considerados no desenrolar do evento, pois não é o acontecimento em si que é traumático ou desestruturante, mas o modo como o sujeito o vivencia a partir de suas referências e da mediação com o mundo externo (PINHEIRO, 2016).

2.2.3 Confusão de línguas

No artigo *Confusão de língua entre os adultos e a criança*, Ferenczi (1933) aponta que existem três meios de se prender uma criança, seriam eles: a sedução incestuosa, a punição passional e o terrorismo do sofrimento. Esses meios têm em comum o que os antecipam, a confusão de línguas. A confusão se dá por meio da diferença que existe entre as línguas nas quais crianças e adultos operam. As primeiras operam por meio da língua da ternura, os últimos pela língua da paixão. Na sedução incestuosa, o adulto toma as fantasias lúdicas da criança como desejos de alguém que já atingiu a maturidade sexual. São exemplos de fantasias lúdicas querer exercer papéis de cuidado ou maternais em relação ao adulto. Em outro artigo, *Princípio de relaxamento e neocatarse*, o autor afirma (1930) que o desejo da criança, mesmo em relação às coisas sexuais, é somente o jogo e a ternura, e não a violenta manifestação apaixonada.

O segundo meio se dá quando as brincadeiras e pequenos delitos cometidos pelas crianças passam a ter um caráter de realidade, por causa de punições passionais que recebem de adultos enfurecidos. De acordo com Ferenczi, isso propicia o desenvolvimento nas crianças, até então não culpadas, de todos os sentimentos de uma depressão. A culpa faz parte, pelo que é possível compreender, do mundo do adulto. Já no terrorismo do sofrimento, as crianças são obrigadas à reponsabilidade de todo e qualquer conflito familiar que surgir, carregando consigo o peso do cuidado para com todos os membros familiares. Complementa ainda que a ocupação desse lugar não é desinteressada, mas objetiva retornar ao lugar de ternura que antes existia.

A partir desses três meios algumas características importantes da teoria ferencziana do trauma já começam a surgir, como a confusão, que pode desencadear um trauma desestruturante, bem como a culpa e a comoção psíquica que serão abordadas posteriormente. Quanto à diferença de natureza ou essência entre as duas línguas, Ferenczi afirma, no pós-escrito de 1933, que é um problema ainda em suspenso.

2.2.4 O primeiro tempo do trauma: Choque e comoção psíquica

O primeiro tempo do trauma é o que Ferenczi chamou de choque. “O choque é equivalente à aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do Si mesmo”. O que se segue ao choque é uma comoção psíquica, entendida como a aceitação fácil e sem resistências de uma forma que parece ter autorização para tal, o autor utiliza “à maneira de um saco de farinha” como metáfora (FERENCZI, 1934/1992, p. 109).

A comoção psíquica é antecedida por certo sentimento de segurança. Em consequência do choque, o que se segue é uma decepção. O excesso de confiança em si e também no mundo que a cerca, importante de destacar, passa a diminuir, chegando até mesmo a não existir (FERENCZI, 1934/1992). Significa dizer que em termos dos efeitos subjetivos do trauma, a perda da segurança está para o choque como a decepção está para a comoção psíquica.

Outra característica da comoção psíquica é seu caráter de subtaneidade, ela surge sempre sem preparação, causando na criança um grande desprazer que não pode ser superado. O autor aponta que o resultado ulterior de cada evento traumático é a angústia, entendida como um sentimento de incapacidade para adaptar-se a essa situação que causa o grande desprazer. Pode-se observar que essa inadaptação é uma das características que diferem os dois tipos de traumas. O crescente desprazer exige uma válvula de escape. O aparelho psíquico encontra na autodestruição uma possibilidade de liberar-se da angústia. “O mais fácil de destruir em nós é a consciência, a coesão das formações psíquicas numa entidade: é assim que nasce a desorientação psíquica” (FERENCZI, 1934/1992, p. 111).

Além de ser uma substituta para a autodestruição, já que a unidade corporal não aceita imediatamente o princípio de autodestruição, a desorientação psíquica também permite a suspensão de uma percepção mais ampla da violência e a “formação nova de realização de desejo a partir dos fragmentos, no nível do princípio de prazer” (FERENCZI, 1934/1992, p. 111).

O choque também tem como característica o efeito anestésico, além da relação que existe entre a profundidade da inconsciência e o traumatismo. A anestesia é produzida por uma suspensão da atividade psíquica somada à comoção psíquica. Esse estado de paralisia inclui também a suspensão da percepção e do pensamento, deixando a personalidade sem nenhuma proteção já que “contra uma impressão que não é percebida, não há defesa possível”, ou seja, durante a paralisia total toda impressão mecânica e psíquica é aceita sem resistência. (FERENCZI, 1934/1992, p. 113). Além das consequências citadas, é importante destacar também que nenhum traço mnêmico resistirá dessas impressões, mesmo inconscientemente, já que as origens da comoção são inacessíveis pela memória (FERENCZI, 1934/1992). Isso ajuda a compreender os lapsos de memória ou as lacunas que são narradas por pessoas que vivenciaram traumas.

A partir deste ponto se assinala um recorte com o qual se trabalhará nas próximas páginas. O que será chamado de choque, a partir de agora ou de eventos traumáticos, diz respeito ao contexto das seduções incestuosas, eventos em que crianças sofrem violência sexual, seja ela abuso seja ela exploração sexual.

2.2.5 O segundo tempo do trauma: Descrédito

O segundo tempo do trauma é definido por Ferenczi (1931/1992) como um descrédito² pelo evento que é narrado pela criança. O descrédito na palavra da criança é o que difere os dois tipos de traumas abordados pelo autor, é o que o torna patológico. No momento do choque, ou seja, da violência sexual, a criança ainda pode ser socorrida a tempo, desde que encontre alguém que possa auxiliá-la no processo de compreensão e elaboração do ocorrido. Na maioria dos casos, como apontado pelo autor e pela prática clínica psicológica, não é este o procedimento adotado pelos adultos, as crianças acabam não encontrando amparo ou, às vezes, silenciam ou são silenciadas.

De acordo com o autor, o comportamento dos adultos em relação à criança que sofreu o evento traumático faz parte do próprio modo de ação psíquica do trauma. Como reações desses adultos, ele cita: sinais de incompreensão ao que é narrado pela criança, punição, exigência de graus elevados de heroísmo, o que o autor descreveu como “a sorte do soldado”,

² Descrédito, de acordo com Miranda (2012), é o termo mais adequado à tradução para o português do termo alemão “verleugnung” utilizado por Ferenczi. O uso feito pelo psicanalista húngaro difere do sentido que é atribuído por Freud. O termo, para Ferenczi, diz respeito a algo que se passa entre a criança e o adulto, que não dá crédito àquela, impossibilitando-a de inscrever e processar a violência ocorrida.

e reação ao que é ouvido com um silêncio de morte, tornando a criança ignorante e sem recursos para lidar com o ocorrido (FERENCZI, 1934/1992).

Como já foi descrito anteriormente, o adulto ocupa em relação à criança um lugar de mediador, suporte para a introjeção de sentidos. É justamente esse papel que se espera que os adultos exerçam diante da procura da criança por amparo. “De modo geral, as relações com uma segunda pessoa de confiança [...] não são suficientemente íntimas para que a criança possa encontrar uma ajuda junto dela; algumas tênues tentativas nesse sentido são repelidas [...] como tolices” (FERENCZI, 1933/1992, p. 103). Ao darem sinais de incompreensão, punição e silêncio, o que resta à criança é ser lançada em um lugar de ignorância, de angústia e de dúvida de suas próprias percepções, ou seja, o descrédito impede que o processo de introjeção - conforme tratado no início deste capítulo - aconteça e na sua impossibilidade o que se segue é a clivagem traumática.

2.2.6 Clivagem traumática e Identificação com o agressor: metapsicologia do trauma

Na busca por sentido para a experiência de violência sexual, Ferenczi (1933/1992) sugere que a criança se depara com a culpa do adulto. Para não abrir mão do adulto mediador e na tentativa desesperada por reduzir sua angústia, a introjeção dá lugar à identificação. Segundo o autor, reações de defesa, como o ódio, a recusa e a resistência, são inibidas por um medo intenso e violento. O psiquismo ainda em desenvolvimento se apresenta muito frágil diante da esmagadora e forte autoridade do adulto, levando a criança a um emudecimento e até mesmo a perda da consciência, como foi descrito anteriormente. Ferenczi escreve acerca da identificação com agressor o seguinte:

Mas esse medo, quando atinge o seu ponto culminante, obriga-as a submeter-se automaticamente à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se de si mesmas, e a identificar-se totalmente com o agressor. Por identificação, digamos, por introjeção do agressor, este desaparece enquanto realidade exterior, e torna-se intrapsíquico (FERENCZI, 1933/1992, p. 102).

O autor complementa ainda que a mudança significativa provocada pela identificação com agressor é a introjeção da culpa. Pinheiro (2016) aponta, referenciada pelos estudos de Maria Torok (1995), que houve uma evolução do conceito de introjeção, e o modo como ele é apresentado no artigo *Confusão de língua entre os adultos e a criança* se trata, na verdade, da impossibilidade e ausência de introjeção. Essa impossibilidade de introjetar passa a ser chamada de “incorporação”. Sobre este raciocínio, Pinheiro (2016, p. 133) explica que:

É exatamente porque a introjeção não pôde se realizar que acontece a incorporação. Na impossibilidade de o processo de introjeção ir a termo, a solução encontrada pelo eu é fazer de conta que houve introjeção. [...] Mentirosa por natureza, a incorporação conta uma falsa história ao eu, pois traz em si a própria clivagem. A incorporação instala no aparelho, dessa vez, não a mediação da introjeção, mas uma mentira que deverá ser escondida para sempre.

Quando fala da identificação com o agressor, Ferenczi afirma também que o agressor se torna intrapsíquico e desaparece enquanto realidade externa, sendo essa a forma encontrada pela criança para retornar ao estado anterior de ternura. O autor descreve a clivagem narcísica como uma cisão do eu. Uma das partes clivadas é onisciente a extensão do dano e permite o acesso à outra parte somente daquilo que ela é capaz de suportar. Portanto, “ternura e paixão permanecerão isoladas na vida psíquica do sujeito, com poucas mediações capazes de constituir uma transição entre estes dois universos.” (VERZTMAN, 2002, p. 70). Pinheiro (2016) acrescenta que esses dois universos se desconhecem e não mantêm contato entre si, logo, ambas reivindicam um lugar de representantes autênticos do eu da criança.

Além da clivagem narcísica, Ferenczi (1933/1992) fala de um segundo processo que acontece ao longo da identificação com o agressor: a progressão traumática. Trata-se do aparecimento súbito de novas faculdades e habilidades que surgem como resultado de um choque. O psicanalista se utiliza da expressão “fruto bichado” como metáfora desse processo - um fruto que teve que amadurecer rapidamente porque foi ferido pelo bico de um pássaro. Essas novas faculdades estavam latentes, ou seja, esperavam por maturação ou ainda não eram investidas, mas que são subitamente ativadas pela aflição extrema e também pela angústia de morte. “A criança que sofreu uma agressão sexual pode, de súbito, sob a pressão da urgência traumática, manifestar todas as emoções de um adulto maduro, as faculdades potenciais para o casamento, a paternidade, a maternidade, faculdades virtualmente pré-formadas nela.” (FERENCZI, 1933/1992, p. 104).

Uma das características da progressão traumática ou prematuração, termo também utilizado pelo autor, é o amadurecimento não só emocional, mas também intelectual da criança, que é descrito no artigo *O sonho do bebê sábio*, de 1923. O artigo narra um sonho no qual uma criança ainda muito pequena subitamente começa a falar e a demonstrar sinais de sabedoria para sua família. Acrescenta ainda que o medo dos adultos enfurecidos faz a criança se identificar inteiramente com eles na tentativa de se proteger do perigo que representam (FERENCZI, 1933/1992).

A progressão traumática tem uma relação muito específica com a clivagem narcísica, pois a sabedoria é característica da parte que se torna adulta precocemente. A tarefa de ficar

cauteloso e previdente para não ser surpreendido novamente é executada por esta parte. Assim como estar alerta a tudo que possa vir a prejudicar o equilíbrio conseguido por meio da clivagem (PINHEIRO, 2016).

2.3 Atualidade do trabalho de Ferenczi

Ferenczi é conhecido por sua clínica com paciente de constituição narcísica frágil, além da valorização do fator exógeno na compreensão do trauma. A atualidade de seu trabalho está relacionada às formulações teóricas e técnicas que fez a partir de tais casos. Os casos contemporâneos que encontram vias de reflexão a partir de seu trabalho fazem parte de um quadro chamado, por seus analistas e/ou pesquisadores, de patologias narcísicas. Estão compreendidas nesse quadro patologias contemporâneas como: os casos limítrofes, os ditos falsos-self, personalidades narcísicas e somatizadores. Entre as características presentes no modelo narcísico se destacam: vivência achatada da temporalidade, pretensão à univocidade da linguagem, texto imagético e uma fixação da identidade em uma imagem sem perspectiva, ou seja, parece haver uma inconsistência na autoimagem corporal. As categorias do corpo e da temporalidade se apresentam como dimensões balizadoras na construção de um enquadre metapsicológico dessas patologias. (VERZTMAN, 2002; VERZTMAN *et al.*, 2006; PINHEIRO *et al.*, 2006; PINHEIRO, 2016).

Pinheiro (2016, p. 186) fala de uma acentuada dificuldade de projeção no futuro, “a vida parece marcada minuto a minuto, pois do passado também, geralmente, nada se lembram, assim como não se lembram dos sonhos, não têm fantasias nem fazem lapsos”. Quanto à questão corporal, apesar de parecer inexistente, ganha relevo e dimensão quando surge como objeto das queixas desses sujeitos. “Há neles uma total estranheza com relação ao próprio corpo, como se este não lhes pertencesse. Paradoxalmente, é esse corpo que funciona como prova de existência”.

As questões sublinhadas até aqui como efeitos subjetivos do trauma, inclusive aquelas relacionadas à dimensão corporal, serão abordadas tendo como âncora a obra *Desconstruindo Una*.

3 A DIMENSÃO INTERSUBJETIVA DO TRAUMA

Com vistas a discutir a dimensão intersubjetiva do trauma, tomaremos como suporte uma *graphic novel* chamada *Desconstruindo Una* da escritora inglesa Una, lançada em 2016, pela Editora Nemo, no Brasil. A autora tem outros trabalhos que também seguem o mesmo gênero literário que exploram a psicose, a deficiência, o ativismo político e a violência contra mulheres e meninas.

A obra *Desconstruindo Una* apresenta a história do Estripador de Yorkshire, nos anos 70, ao mesmo tempo em que a autora rememora sua infância, narrando experiências de violência sexual que sofreu na mesma época. Esse paralelo é feito por meio da combinação de imagens e textos. A obra recebeu também uma adaptação para o teatro pelo grupo brasileiro Coletivo Rubra da cidade de Mauá, em São Paulo, em 2019, intitulada *Una – Dedicado a Todas as Outras*.

A escolha por essa obra em específico leva em consideração seu caráter narrativo, em especial a rememoração que a autora faz de sua própria infância, a composição imagética que acompanha o texto, além do trabalho de construção investigativa do caso do Estripador de Yorkshire nos anos 70. Em entrevista concedida à Carolina de Assis, publicada em outubro de 2019 no Blog Vitralizado, Una comenta que inicialmente não sabia que estava escrevendo um livro, se tratavam apenas de desenhos feitos em momentos de intervalos. Quando começou a escrever o livro percebeu que aqueles desenhos faziam parte do processo de escrita. Sobre a narração da *graphic novel* e os motivos de fazê-la por meio de quadrinhos a autora fala:

[...] no meu livro eu tenho uma pessoa que não tem voz, mas que se comunica por meios visuais, e então eu tenho uma pessoa, a mesma pessoa, falando em retrospectiva, que tem uma voz e meio que narra e explica a história. Então eu tenho uma espécie de terceira pessoa, que também sou eu, que descreve as informações estatísticas, e então eu tenho vozes de personagens, vozes sociais externas, na verdade existem muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo e a única maneira de você poder fazer isso é em quadrinhos (UNA, 2016).

O gênero literário não se encaixa em um quadrinho comum, mas no que a própria autora chama de “quadrinhos alternativos”, o que possibilita a inserção de todas essas vozes. A forma como o texto é posto junto à imagem também é bastante interessante, às vezes o texto funciona como um contorno para o desenho, as palavras parecem envelopar as imagens, que são em sua maioria monocromáticas em tons de preto, alguns traços de cores primárias são raríssimos. A imagem abaixo mostra essas características:

cantos se há algo à sua espreita. Não consegue ficar em casa sozinha e aguarda do lado de fora até que alguém chegue a casa e lhe faça companhia.

Una relata não conseguir falar sobre as violências sofridas, não em palavras, como ela destaca. A família de Una também não tinha tentado descobrir o que havia acontecido. Ela é então enviada a vários especialistas, mas não consegue falar sobre, o choro parece ser a única resposta possível à angústia sentida. “Psicólogos, psiquiatras, terapeutas e orientadores não reconheceram minha ansiedade vigilante e incomum como resultado de trauma ou estupro, ou, se o fizeram, eles não disseram” (UNA, 2016, p. 109).

Inicialmente a família de Una parece querer que ela fale sobre o que está acontecendo, afirmando que ela não pode guardar tudo para si mesma. Porém, a personagem afirma que sua família parece não gostar da demonstração, ou, pelo menos, parece não estar atenta ao modo como Una demonstra, já que se percebe por parte da mesma uma insuportabilidade de seu funcionamento psíquico, a forma como eles esperam que Una fale é impossível a ela.

O que a narrativa escrita de memórias possibilita a alguém que, assim como a personagem do livro, não consegue falar sobre seu sofrimento? De acordo com Benjamin (1936/1987, p. 205) a narrativa é uma forma artesanal de comunicação, que não objetiva transmitir o “puro em si” como se fosse uma simples informação de algo plausível ou um relatório. “Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. Os efeitos subjetivos deste tipo de escrita serão abordados no próximo capítulo. Por hora, compreende-se que a escrita possibilita a inscrição de uma experiência e uma saída possível para elaborações. A narrativa também é composta pela produção de imagens, é possível falar de efeitos subjetivos advindos desse tipo de narração também? Retorna-se a esse aspecto no final deste capítulo.

A partir da *graphic novel* se elegeu alguns afetos frequentes nas narrativas de mulheres que sofreram violência sexual na infância, como a angústia, a vergonha, o sentimento de culpa, as reações corporais e a dimensão do silêncio. São estes estados afetivos que serão apresentados ao longo deste capítulo, procurando tecer algumas considerações acerca da relação entre eles e o trauma, a partir da teoria psicanalítica. Esses estados vão de encontro também com o funcionamento psíquico descrito por Ferenczi em sua teoria do trauma, portanto, busca-se aprofundar aqui o que foi descrito no capítulo anterior. Além desses aspectos que corroboram para a escolha da obra, seu caráter narrativo e de construção por meio de palavras e imagens são também elementos importantes que serão abordados

posteriormente. A ordem escolhida para abordar esses estados não está em uma hierarquia e a divisão em tópicos diz respeito mais a uma possibilidade de abordá-las melhor, do que uma real separação entre elas.

3.2 Trauma e angústia

Como se sabe, Freud considerava inicialmente a angústia como um estado afetivo resultante da libido não satisfeita, por causa da privação da satisfação sexual ou do recalque da sexualidade. Em 1917, na *Conferência XXV*, Freud apresentou dois tipos de angústia. A primeira, angústia realista, é uma resposta à percepção de um perigo externo, está vinculada ao reflexo de fuga, portanto, pode ser considerada uma manifestação do instinto de autopreservação. No segundo tipo de angústia, a neurótica, há um estado de angústia generalizado e flutuante, que permite a ela fazer ligação com qualquer conteúdo, “[...] não é adaptativa e encontra sua fonte em um perigo interno, não conscientemente reconhecido, do qual não se pode fugir: o perigo pulsional” (PACHECO-FERREIRA, 2012, p. 167).

No artigo *Inibições, sintomas e angústia*, Freud (1926) apresenta uma nova abordagem da angústia, levando em consideração a nova divisão do aparelho psíquico que postulou em 1923, em *O ego e o id*. Na nova abordagem Freud (1923, p. 32) aponta que é a angústia que gera a repressão, assim como afirma que o eu é genuinamente a sede da angústia: “a postura angustiada do Eu é sempre o elemento primário e instigador da repressão”.

A angústia se apresenta como um afeto de caráter desprazeroso, além da percepção de sensações físicas mais definidas, sendo relacionadas aos órgãos respiratórios e ao coração, e a reações de descarga como formas de alívio. Freud (1926/2014) destaca essas características como formas de diferenciar a angústia de outros estados similares de desprazer como o luto ou a dor. O autor afirma que o nascimento é uma experiência prototípica da angústia, portanto, a angústia seria uma experiência de reprodução da experiência do nascimento, que continha condições para um aumento de excitação e uma descarga em trilhas específicas, sendo esta a forma pela qual o desprazer da angústia obtém sua condição própria. Tal estado afetivo surgiu como reação a um estado de perigo e é reproduzida sempre que um estado semelhante se apresenta.

Freud (1932), em *A angústia e instintos*, vincula um tipo de angústia ao outro afirmando que o perigo instintual interno, ligado à angústia neurótica, é condição e preparação para uma situação de perigo real externo, já que, “uma situação instintual temida diz respeito, no fundo, a uma situação de perigo externa” (p.234). O psicanalista reafirma também que é a

angústia que faz a repressão, e apresenta o medo da castração e da perda do amor como móveis poderosos da repressão. No primeiro, o perigo real é a perda do membro, no segundo, a ausência da mãe e conseqüente ausência da satisfação de necessidades, que deixam a criança exposta a dolorosos sentimentos de tensão.

Ainda são apresentadas duas possibilidades para a origem da angústia, “uma inapropriada, quando há uma nova situação de perigo; a outra, apropriada, para sinalizar e evitar esta situação” (FREUD, 1926, p. 56). A primeira seria uma angústia automática, reproduzida sempre que experiências semelhantes ao traumatismo surgem, na segunda a angústia opera como um sinal. É uma resposta do eu ao perigo de repetição da situação traumática. Pacheco-Ferreira (2012, pp. 168-169) explica como se dá o segundo mecanismo da seguinte forma:

[...] o ego reproduz a angústia por sua própria iniciativa, de forma mitigada, como uma espécie de inoculação, e a emprega como uma advertência que coloca o mecanismo de prazer-desprazer em movimento e, desse modo, efetua o recalque. A partir do sinal de alarme, o ego busca, através de ações defensivas, vincular psicologicamente o impulso reprimido, o que aproxima todo o processo de uma superelaboração normal.

A autora compreende que o traumatismo é resultado da impossibilidade de uma antecipação, logo, da falha da angústia como sinal. Freud (1920/2010, p. 192), em *Além do princípio do prazer*, escreveu que:

[...] um evento como um trauma externo vai gerar uma enorme perturbação no gerenciamento de energia do organismo e pôr em movimento todos os meios de defesa. Mas o princípio do prazer é inicialmente posto fora de ação. Já não se pode evitar que o aparelho psíquico seja inundado por grandes quantidades de estímulo; surge, isto sim, outra tarefa, a de controlar o estímulo, de ligar psicologicamente as quantidades de estímulo que irromperam, para conduzi-las à eliminação.

Freud compreende o trauma, no artigo de 1920 especificamente, como momentos em que o aparelho psíquico é forçado a encarar uma grande exigência libidinal, que chega a empobrecer e inativar as suas defesas, já que há uma tentativa de reunir investimentos de energia tão elevados quanto em torno do lugar de irrupção, o que também provoca uma experiência de desamparo. O psicanalista aponta ainda que a ausência de preparação para a angústia pode ser um fator decisivo para o resultado final.

3.3 Trauma e culpa

No capítulo anterior a culpa foi descrita como fruto da identificação ansiosa da criança com o agressor. Esse afeto, na especificidade com que é incorporado pela criança, não faz parte de seu universo emocional, ou seja, não faz parte da língua da ternura. Ferenczi afirmara

que ele tem uma complexidade que a infância não alcança. Verztman (2002, p. 74) propõe que a criança traumatizada, conforme elaborado por Ferenczi, apresenta características discursivas da culpa, mas afirma que somente alguns aspectos desta podem ser incorporados, “[...] tais como a comiseração, a imputação compulsiva de responsabilidade a si, a percepção de ter cometido um ato condenável”.

O elemento ao qual o autor se refere como impossível de ser incorporado é a culpa edípica do adulto, tal como proposto por Freud quando assinala a herança da culpa pelo duplo crime de parricídio e incesto. A impossibilidade se dá porque a criança de tenra idade não opera pela linguagem da culpa pela paixão; sua linguagem lúdica e mimética não visa tomar o lugar de um dos pais para relacionar-se com o outro. Não se trata de uma ausência de sexualidade, mas de uma língua anterior à sexualidade sob o primado genital (OSMO, KUPERMANN, 2012). É a partir desse jogo que a criança busca construir as bases dos processos identificatórios primário. O adulto é o porta-voz dos interditos e das regras sociais, e se a criança mimetiza seu lugar é unicamente movida pelo “desejo de ser”. Operando a partir do único lugar cedido pelo adulto; deste modo, a criança torna-se culpada para não perder o adulto mediador e, assim, retornar ao seu estado de ternura. O seu “desejo de ser” transforma-se em “culpa de ser” no universo psíquico da criança (VERZTMAN, 2012, p. 74).

Na *graphic novel* a escritora Una apresenta a culpa sentida por sua personagem em diversas situações, uma delas é na crença da personagem que coisas ruins não acontecem a pessoas boas. A personagem fala que cresceu ouvindo que deveria tomar cuidado ou o estripador a pegaria, e diante das violências sofridas, afirma: “eu cresci sabendo que eu não tinha tomado cuidado o suficiente, então o estripador poderia querer me pegar ainda mais” (Una, 2016, p. 144). Em outra situação, a personagem aponta que crianças traumatizadas podem desenvolver comportamentos que os adultos enxergam como delinquências e são, portanto, punidas, culpas e estigmatizadas, enquanto os adultos são desculpados por seus atos de violência. A personagem complementa “todo mundo concordava... havia um problema e ele estava localizado em mim” (Una, 2016, p. 77).

3.4 Trauma e vergonha

O tema da vergonha é pouco abordado em situações traumáticas, mas, especificamente em experiências de violência sexual, é um afeto que está muito presente. A vergonha está relacionada com a dimensão do olhar, trata-se da projeção no olhar do outro daquilo que o

sujeito pensa sobre si mesmo, o conteúdo projetado é algo que não deveria ou não poderia ser notado.

A psicanalista Ludmila Zygouris (1995) define a vergonha como um “pequeno desastre visceral”, que dificilmente será esquecido e que suplica por uma ação que não pôde acontecer, já que, em sua maioria, está relacionado a uma experiência de impotência. A autora concebe (1995, p. 160) que toda situação que gera vergonha é uma situação de violência, real ou simbólica:

[...] violência feita ao psiquismo e, em consequência da impossibilidade de uma resposta eficiente, ao próprio corpo. Há um custo psíquico importante quando uma violência sofrida não recebe “tratamento” imediato, quando o ato de resposta é coibido. E isto sempre acontece nos casos em que perdura a vergonha.

A autora apresenta ainda três dimensões para se pensar a vergonha, são elas: a reparação, ou vingança, como a autora prefere chamar; o lugar da nomeação e do nome próprio, e por último, a dimensão social da vergonha. Para a autora, o que impede que a situação de vergonha seja esquecida é sua reivindicação por vingança. A autora prefere utilizar o termo vingança para sublinhar a violência ligada a esta. Cita que em algumas sociedades arcaicas existiam rituais de reparação, que possibilitaram saídas honrosas para lidar com a vergonha, já nas sociedades atuais, que não dispõem de rituais que se encarreguem da violência, a vergonha é engolida, já que não pode ser reparada.

“A vergonha nos deixa de cara no chão. E para cada um a cara é também seu nome”, diz Zygouris (1995, p. 161). A relação, que um sujeito estabelece com a vergonha, é acompanhada por uma fantasia de expulsão de sua comunidade (VERZTMAN, 2017). A nominação - receber no lugar de seu nome próprio um outro nome - é o que distingue a personagem de Una, das demais pessoas, principalmente das outras meninas. Vagabunda, puta e vadia são alguns dos nomes que a personagem recebe ao longo de sua história. Nas condições de usurpação do nome próprio, o sentimento de vergonha se presentifica, por vezes, com um sentimento de humilhação, fazendo uma marca que a diferencia e a destitui da comunidade a qual pertence. Sobre o destino de uma usurpação como esta na infância, a psicanalista sublinha que a impotência da criança se dá na sua impossibilidade de recorrer a outra comunidade ou a sua capacidade de reagir subvertendo a nominação, sendo esta uma resposta mais recorrente entre adultos que são destituídos de seus nomes próprios.

Na história de Una, sua personagem deixa para trás seu próprio nome, aos 16 anos, quando vai em busca de um novo lugar onde ninguém a conhece. Seria este o ritual feito pela personagem em busca de reparação pela violência sofrida? O encontro com uma nova

comunidade foi o que possibilitou a Una escolher um novo nome, ou seja, uma comunidade que possa mediar e ajudá-la na busca de afirmação de sua identidade?

A possibilidade de reparação, citada acima, está vinculada com a terceira dimensão abordada pela autora: o caráter social da vergonha. Segundo a psicanalista, a vergonha decorre da angústia, mas tem uma aparição tardia no psiquismo, já que seu surgimento está relacionado com uma noção prévia de julgamento que é desenvolvida a partir do uso complexo da linguagem. A vergonha tem, portanto, um aspecto social, isto é, para que ela surja “é necessário que haja um terceiro conscientemente percebido como tal pela criança” (ZYGOURIS, 1995, p. 166). Quanto à possibilidade de lidar com a vergonha, a autora assinala a importância de um ato que se estenda ao âmbito social também.

Venturi e Verztman (2012) abordam a vergonha por um viés narcísico e afirmam que tal vertente não restringe o sujeito a uma experiência com ele mesmo, mas corroboram com a dimensão social da vergonha, pois, necessita-se de um outro que note algo que não deveria aparecer. É levando isso em consideração que os autores afirmam que a vergonha é um modo de laço social: “A vergonha, como uma das reguladoras dessa inserção na comunidade, reafirma a importância do outro para a identidade do sujeito ao fazer ecoar no narcisismo uma ameaça de exclusão do grupo social” (VENTURI e VERZTMAN, 2012, p. 138).

Tanto Zygoris (1995) quanto Venturi e Verztman (2012) falam de uma “vergonha de si” que acompanha o sujeito envergonhado ou violentado. Ao ser destituído da comunidade a qual pertence, a característica, que o sujeito julga o afastar dos demais, é tomada como a marca identificatória mais significativa em relação àquele grupo, e, assim, passa a representar a identidade como um todo e não somente uma parte, já que:

[...] a supervalorização de algum traço específico projeta uma sombra em todo o restante do território narcísico, ao mesmo tempo que instaura uma separação entre o sujeito e o grupo. Uma das propriedades mais cruéis dessa vergonha é o fato de ela se abater sobre o sujeito como um todo. Sente-se vergonha por algo que se é, o que dificulta o discernimento entre esse sentimento e a identidade (VENTURI, VERZTMAN, 2012, p. 139).

Na narrativa de Una, observam-se contínuas situações de exclusão que colaboram com o apontado pelos autores. A personagem sofre com exclusões que acontecem dentro da escola e em espaços públicos de socialização. “Quando os pais dos meus amigos diziam aos filhos para pararem de andar comigo, eu engolia minha vergonha e passava mais tempo sozinha” (UNA, 2016, p. 52). O afastamento de uma criança de sua comunidade, a fragilização dos vínculos afetivos, juntamente com a falta de amparo dos cuidadores, tornam os desafios do desenvolvimento e da simbolização do trauma, ainda maiores. A ideia de pertencimento,

construída a partir dos processos identificatórios com a comunidade, é então colocada em risco.

Ciccione e Ferrant (2009), citados por Pacheco-Ferreira (2012), descrevem três tipos de vergonha e duas delas interessam e ratificam o que vem sendo descrito até aqui. Uma das vergonhas funcionaria como um alarme, sendo esta a “vergonha sinal de alarme”, a experiência que gera vergonha é a mesma que também dá condições para o sujeito lidar com ela. Como exemplo desse duplo funcionamento, os autores utilizam a condenação de uma ação da criança, por meio do “não” verbal e também da presença de uma linguagem não verbal apropriada. Assim, a negativa proferida tem caráter conservador, já que distingue o sujeito de seu movimento pulsional.

O segundo exemplo de negativa não produz o mesmo efeito de distinção, pelo contrário, o movimento pulsional da criança não é ouvido ou visto como no anterior, e sim desqualificado, reduzindo a criança ao seu ato. Essa é a “vergonha experimentada”, que pode se desenvolver enquanto ferida narcísica, “característica de um sujeito privado da ilusão de ser sujeito, que não consegue construir uma identidade para si” (PACHECO-FERREIRA, 2012, p. 175). Os efeitos desencadeados dependem da estrutura narcísica do sujeito, assim como é relevante o tempo de acontecimento da experiência, passado ou presente em relação à constituição do narcisismo; a capacidade de reorganização psíquica e a intensidade dada na ocasião, que tem relação com o ideal apresentado pela comunidade do sujeito ou com a história individual de cada um (VENTURI; VERZTMAN, 2012). A “vergonha experimentada” se aproxima do viés narcísico, enfatizando a vergonha enquanto um afeto social.

O último tipo de vergonha aponta para um traumatismo narcísico primário, está além da desqualificação dos movimentos pulsionais da criança, pois nega a existência deles e impede também o seu surgimento. Tal negação é estendida ao próprio sujeito que perde a capacidade de ver ou sentir a si próprio, é o que os autores chamam de “vergonha de ser”. “O traumatismo primário da vergonha de ser é ligado à falha da resposta do ambiente, provocando um sentimento de continuidade narcísica inconsistente” (PACHECO-FERREIRA, 2012, p. 176).

O destino da vergonha, segundo os autores, é o soterramento. Ela não é recalçada, esquecida ou transformada, mas preservada. As lembranças vergonhosas são enterradas em camadas ao redor do núcleo doloroso, uma tentativa de esconder e ao mesmo tempo dar

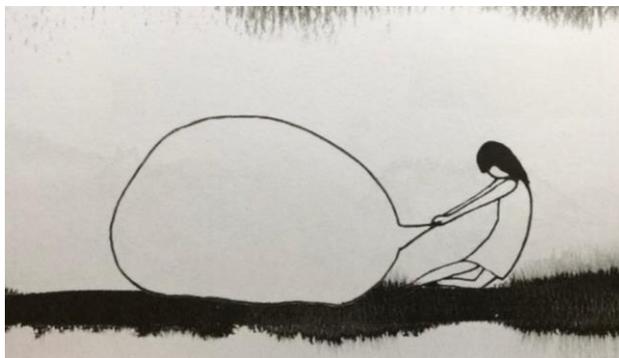
contenção, mas isso que aparenta estar escondido sob tantas camadas, também se dar a ver ao outro (PACHECO-FERREIRA, 2012).

Zygouris (1995) aponta que a impossibilidade de esquecer que está atrelada a vergonha se relaciona a uma inscrição que vai além da representação de uma lembrança dolorosa, mas que se apresenta enquanto experiência traumática inscrita no corpo. Tal relação será abordada a seguir, especificamente, a partir da experiência de violência sexual enquanto trauma psíquico.

3.5 Trauma e a dimensão do silêncio

A personagem de Una após sofrer um dos atos violentos, em que o uso do plural dá a entender que se tratava de mais de um agressor, recebe em casa a visita de um deles, que vai até lá certificar-se de que ela não irá contar nada a ninguém, e enfatiza que mesmo que o fizesse ninguém a levaria a sério. Una carrega por todo lugar um balão de texto vazio, que nem por isso se torna mais leve, por vezes aparece puxando-o ou inclinada carregando o vazio.

FIGURA 2 – Ilustração presente na obra Desconstruindo Una



Fonte: Obra literária Desconstruindo Una (2016)

FIGURA 3 - Ilustração presente na obra Desconstruindo Una



Fonte: Obra literária Desconstruindo Una (2016)

É frequente que as vítimas de violência sexual, principalmente as crianças, não consigam ou não possam falar sobre o que aconteceu. Em parte, isto diz respeito a um limite de compreensão do ocorrido e de impossibilidade de acessar o universo simbólico apropriado que é interdito pelo descrédito. Por outro lado, a continuidade dos atos de violência e a convivência com o agressor são fatores que reforçam o medo e, por consequência, o silêncio. Crianças e adolescentes, por suas condições específicas de desenvolvimento, dependência econômica, falta de respaldo jurídico e necessidade de proteção, evidenciam-se sujeitas a ameaças e a manipulações.

Cabe se perguntar qual é o destino do silêncio tão presente em situações traumáticas como estas. Quais efeitos psíquicos são produzidos pela impossibilidade de narrar o sofrimento? Uma via possível para se pensar o destino do que não pode ser narrado é a que coloca o corpo em cena. Ferenczi (1932/1990, p. 65) em seu *Diário Clínico*, no dia 14 de fevereiro, escreveu que o que se segue quando crianças são expostas a um sofrimento excessivo, que ultrapassa suas condições de compreensão, é uma experiência de “estar fora de si” como quem observa de fora, caracterizada pela: “[...] ausência de reação do ponto de vista da sensibilidade, câibras musculares generalizadas, frequentemente seguidas de paralisia generalizadas (ausentar-se)”. Una narra algo semelhante vivido por sua personagem, quando diz que:

“Tinha momentos em que eu ficava tão paralisada de ansiedade e pânico que tinha que me deitar no chão ou tentar... Apenas para entrar em pânico no momento errado e ter que ir embora. Eu caminhava devagar de volta para casa, me apoiando em um muro aqui, um banco acolá. Tinha dias que eu só me sentia bem se estivesse submersa na água, na banheira... Então eu não podia fazer qualquer coisa que envolvesse estar vestida ou em pé (UNA, 2016, p. 111).

Partindo de sua prática clínica, Ferenczi (1932/1990) descreve o ausentar-se como uma experiência de vivência do presente, passado e futuro ao mesmo tempo. O sujeito parece ter partido para longe, como se viajasse pelo universo, e passa sem dificuldade nenhuma, de tão pequeno que é, através de obstáculos mais densos, tal como descrito na comoção (FERENCZI, 1934/1992). Parece ter superado os limites do espaço e do tempo. Nessas condições, ou seja, à distância, a importância de seu sofrimento parece desaparecer. A imagem de Una seguindo o movimento do que parece ser um rio aponta para esta falta de resistência.

FIGURA 4 - Ilustração presente na obra Desconstruindo Una



Fonte: Obra literária Desconstruindo Una (2016)

Teresa Pinheiro (2016) interpreta o proposto por Ferenczi, na descrição acima, de duas formas. Na primeira, o corpo torna-se espaço concreto de experimentação do sofrimento vivido a nível psíquico; em outras palavras, por mais que o sofrimento físico possa ser doloroso ao sujeito, ainda se mostra mais suportável do que o sofrimento psíquico. Na segunda interpretação, o corpo expressa e permite a visualização do desdobramento da agonia, ou seja, a distância permite ao psiquismo do sujeito outra observação ao nível externo daquilo que está dentro, assim, é possível encontrar um destino viável para a dor. Além destes dois modos de considerar o lugar do corpo no traumatismo, a autora aponta a expressão no corpo como um ato de esperança; ou seja, na impossibilidade de falar, o corpo da criança mostra aquilo que não tem lugar pela via da palavra e espera que alguém possa vir em seu auxílio.

Por último, outro aspecto importante, também em relação ao corpo diz respeito ao estranhamento, à fragmentação ou à dessensibilização de Una em relação ao corpo que habita. Após a primeira agressão sofrida, Una relata um desconforto crescente e frequente em relação

a seu corpo: tamanha é a violência e o excesso de sofrimento, que acredita estar tornando-a uma nova criatura. A nova criatura é apresentada por meio de uma imagem e, ao longo do livro, é mostrado seu processo de desenvolvimento. Primeiro, a personagem é apresentada fragmentada: braços, pernas, cabeça e rosto estão espalhados na página. Nas páginas seguintes ela é representada como um inseto, em uma das imagens está sem asas, na outra lamenta a ineficiência das asas presentes, “minhas asas não parecem funcionar muito bem. Talvez elas sejam decorativas?” (UNA, 2016, p. 41). Algo de humano ainda permanecem nos insetos, como o rosto de Una e o desenho de uma vagina no peito deles:

FIGURA 5, 6, 7 - Ilustração presente na obra Desconstruindo Una



Fonte: Obra literária Desconstruindo Una (2016)

3.6 Figurabilidade do trauma

Um aspecto que não pode deixar de ser abordado, diz respeito ao uso das imagens, de autoria também da escritora Una, para a construção da narrativa. Antonello (2016) propõe que as impressões advindas da cena traumática, logo, sem representação no psiquismo, encontram um meio de expressão pela figurabilidade, ou seja, a revivescência alucinatória do trauma sob a forma de imagens, cheiros e sons, nos sonhos e em flashbacks, se torna possível a partir do mecanismo da figurabilidade. Hanns (1999, *apud* ANTONELLO, 2016, p. 49) descreve o conceito de figurabilidade como “ação de colocar algo, que ainda não está apreensível, na dimensão apreensível da linguagem [...], e, em seguida, mostrá-lo”. Para Antonello (2016, p. 49), é a figurabilidade que “torna possível conferir uma forma captável a algo que ainda é inapreensível (não foi ligado) ou não foi representado no psiquismo. Portanto, é algo que se encontra além ou fora da linguagem, como é o caso do trauma”.

A figurabilidade, continua o autor, além de possibilitar um contorno, mesmo que elementar e precário às impressões traumáticas, “[...] também seria fruto de uma tentativa de contenção do excesso pulsional pelo eu, o qual procura evitar o desmoronamento e a morte psíquica, ameaçadas pelo traumatismo” (MONTEIRO, 2011, *apud* ANTONELLO, 2016, p. 52).

Algo dessa ordem pode ser observado na *graphic novel* de Una. Sua personagem ao relatar uma das violências sofridas, conta que a cena traumática é desencadeada pelo “toque de um tecido de lã” (UNA, 2016, p. 85). A cena é então apresentada por meio de imagens nas quais não há palavras. É possível perceber que um dos agressores usa uma blusa com a mesma descrição dada por Una. Em comparação com os outros desenhos de Una, este se apresenta sem muitos detalhes, os traços não são tão bem definidos como os demais. Antonello (2016, p. 52) destaca que existe um caráter muito mais concreto nas lembranças traumáticas: “literal, e sem mobilidade psíquica, com uma vivacidade muito acentuada, ou extrema, do que é figurado”. Aspecto que já tinha sido apontado por Ferenczi (1933/1934) e por Pinheiro (2016).

FIGURA 8 - Ilustração presente na obra Desconstruindo Una



Fonte: Obra literária Desconstruindo Una (2016)

Retomando a entrevista citada no início deste capítulo, Una conta que os desenhos que compõem seu livro surgiram primeiro. Quando começou a escrever seu livro, deu-se conta que esse processo já havia sido iniciado a partir dos desenhos. Questiona-se se esta antecipação possibilitou de certo modo o processo de escrita e se os desenhos poderiam também ser espaço de subjetivação.

A seguir será abordado o conceito de testemunho e como este pode ser pensado a partir da teoria ferencziana do trauma. Propõe-se também, a partir da experiência narrativa, refletir sobre o uso da literatura enquanto dispositivo testemunhal; além da investigação dos efeitos subjetivos da narração de experiências traumáticas de violência sexual. Por último, aborda-se a dimensão do empréstimo da palavra, pela via da literatura, por outras mulheres que também sofreram violência sexual.

4 EFEITOS SUBJETIVOS DA NARRAÇÃO E DO TESTEMUNHO

4.1 Testemunho

Os campos do conhecimento que estudam a questão do testemunho são diversos e englobam, por exemplo, teologia, campo jurídico, psicologia, psicanálise, etnologia, filosofia, literatura, entre outros. Nas últimas décadas é possível delimitar duas grandes áreas de estudo do conceito de testemunho, são elas os estudos sobre a *Shoah*³, o genocídio dos judeus, e os estudos hispano-americanos do “testimonio” (SELIGMANN-SILVA, 2005).

Testemunha e testemunho são conceitos que geram certa confusão quanto a sua definição. A testemunha, enquanto sujeito, tem como função ser mensageiro de um testemunho. Para tal, o testemunho exige do sujeito tanto uma proximidade quanto uma capacidade de julgar, estando testemunha e testemunho ligados, etimologicamente, à visão, no sentido de ver algo (SELIGMANN-SILVA, 2010). Seligmann-Silva (2010) apresenta, a partir de seus estudos da obra de Benveniste, duas dimensões contidas no testemunho, o testemunho *testis* e o testemunho *superstes*. O primeiro refere-se àquele que assiste como terceiro a uma ocasião em que duas pessoas estão envolvidas. Já o *superstes* diz respeito a alguém que está presente e que pode ser visto também como um sobrevivente.

Para o autor a testemunha enquanto *superstes* tem a audição como centro, ao contrário do *testis*, que está próximo de uma capacidade de julgar, logo, que tem a visão como centro. O testemunho enquanto *testis* condiz com o modelo de representação positivista do saber, que tem uma “[...] concepção instrumental da linguagem e que crê na possibilidade de se transitar entre o tempo da cena histórica (ou a “cena do crime”) e o tempo em que se escreve a história (ou se desenrola o tribunal)” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 178). No *superstes*, ao contrário, pressupõe-se uma “incomensurabilidade” entre a linguagem disponível e a experiência que torna determinado sujeito um sobrevivente.

O autor ressalta ainda que não se trata de trocar um paradigma pelo outro, pois para ele, o essencial é ter a compreensão que não existe possibilidade de separação entre os dois sentidos de testemunho, propõe “entender o testemunho na sua complexidade enquanto misto entre visão, oralidade narrativa e capacidade de julgar: um elemento complementa o outro, mas eles relacionam-se também de modo conflituoso” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 179).

³ Termo hebraico que significa catástrofe ou devastação. É utilizado no lugar de “holocausto”, já que este último termo remete à concepção de morte como sacrifício, o que daria um sentido religioso ao termo, já em “Shoah” esse sentido está ausente.

O autor (2008, p. 67) ainda afirma que o “testemunho só existe sob o signo de seu colapso e de sua impossibilidade”. É possível compreender tal afirmação a partir da reflexão proposta pelo autor quanto à existência de um paradoxo singular do testemunho. De um lado o testemunho é único e insubstituível, somente o sujeito que viveu determinada experiência traumática pode dar notícias dela, e “é esta mesma singularidade que vai corroer sua relação com o simbólico” (2008, p. 72). Por outro lado, o sujeito precisa acessar a linguagem, um construto de universais, comum a uma determinada comunidade, para falar de seu sofrimento.

Uma saída possível apontada por Seligmann-Silva (2008, p. 70) para a narração do trauma é a imaginação. Diante da literalidade da cena traumática, da vivência achatada do tempo e do relato puro das experiências, a imaginação vem cobrir um “gap” que existe entre a literalidade e o trabalho de simbolização do trauma. “A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço”. A linguagem exige do testemunho, uma passagem constante, necessária e ao mesmo tempo impossível, entre o real do trauma e o simbólico, entre o passado e o presente. A literatura surge nesse contexto como uma das possibilidades para essa passagem impossível (SELIGMANN-SILVA, 2005). Indo além da literatura e pensando a partir da arte enquanto um campo mais expansivo, que a abriga também, Seligmann-Silva (2008, p. 74) complementa: “[...] assim como falamos de narrativa testemunhal também deve-se pensar em uma arte testemunhal, ou seja, em práticas imagéticas do testemunho”.

4.2 Testemunho e Literatura

Literatura de testemunho é como se chama a maioria das obras escritas por, principalmente, sobreviventes do genocídio do povo judeu, a Shoah, mas não se trata necessariamente de um gênero literário. Seligmann-Silva (2005) descreve uma face da literatura, que emergiu a partir das catástrofes do século XX, que fez com que a própria história da literatura passasse por uma revisão, pois esta face trouxe consigo questionamentos sobre sua relação com o real, ou seja, sobre que tipo de relação existe entre literatura e eventos que resistem à representação. O que é considerado nesta face da literatura é o seu teor testemunhal, que está presente em toda obra literária, mas que foram justamente essas obras, escritas após as catástrofes do século XX, que permitiram observar tal teor, dada sua

concentração e crescimento. Os principais elementos deste teor testemunhal já foram apresentados anteriormente, e diz respeito ao caráter *testis* e *superstes* do testemunho.

Como citado anteriormente, existem duas grandes frentes de estudo sobre o conceito de testemunho. Uma delas é a perspectiva proveniente dos estudos da Europa e América do Norte, uma produção marcada principalmente pelas catástrofes do século XX. A outra é marcada pelo estudo do “testimonio” pensado a partir das experiências históricas da América Latina, sobretudo a partir dos regimes ditatoriais dos anos 60. É importante destacar alguns desses eventos, pois, de certa forma, são eles que definem as características e as condições para o testemunho e para a produção literária. No primeiro, identificam-se como eventos, principalmente, as experiências ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial e a *Shoah*. Já na América Latina, os eventos têm relação com os regimes ditatoriais, com a exploração econômica e com a repressão das chamadas minorias sociais, como as experiências de violência vividas por mulheres, por negros e pela comunidade LGBT. Essa expansão observada nos estudos da América Latina tem relação com a luta por direitos civis e também pela expansão dos Estudos Culturais. Por essas características, nos últimos anos o conceito de testemunho tem sido empregado em contextos distintos de seu uso inicial, como, para se referir a sobreviventes de outras guerras ou para referenciar o discurso ou as produções de mulheres, de negros e de outras minorias sociais (SELIGMANN-SILVA, 2005). Antonello (2016, p. 28) destaca que apesar da literatura de testemunho ter sua origem na *Shoah*, “[...] não se resume a este terrível evento. Ela trata, sobretudo, de qualquer situação de violência da qual o autor teria sido vítima. Por isso, está intimamente ligada ao trauma e, conseqüentemente, a não-representação da situação vivida”.

Além dos eventos históricos como pontos importantes para se pensar o estudo proveniente desses lugares, outro aspecto a ser destacado diz respeito aos campos do conhecimento que embasam as discussões. Na Europa e América do Norte é predominante o uso da psicanálise e da teoria da memória como referencial teórico, já na América Latina, o testemunho tem um viés de tradição religiosa, evidenciando-se, por exemplo, as influências da hagiografia (história de vida ou biografia dos considerados santos pela igreja católica), as do testemunho bíblico enquanto apresentação dos personagens que tiveram uma vida exemplar, conforme o estabelecido pelos mandamentos, e também as da tradição de gêneros literários como a reportagem e a crônica (SELIGMANN-SILVA, 2005).

No contexto europeu e norte-americano, o discurso testemunhal é analisado a partir de duas dimensões: literalização e fragmentação. Ambas dizem respeito à impossibilidade de se

traduzir ou de inserir a experiência traumática em uma cadeia de representações. Além de ser um contexto marcado também por uma tensão entre os meios usados para o testemunho, a oralidade e a escrita (SELIGMANN-SILVA, 2005).

Além das convergências e divergências já citadas entre as duas frentes apresentadas, Seligmann-Silva (2005) aponta uma característica muito importante de ser citada em relação ao estudo do testemunho na América Latina, trata-se da passagem de uma discussão da função testemunhal da literatura, mais presente na outra vertente, para a definição de um novo gênero literário. O autor complementa que:

A “política da memória”, que também marca as discussões em torno da Shoah, possui na América Latina um peso muito mais de política “partidária” do que “cultural”: aqui ocorre uma convergência entre política e literatura. Dentro de uma perspectiva de luta de classes, assume-se esse gênero como o mais apto para “representar os esforços revolucionários” dos oprimidos, como afirmou Alfredo Alzugarat (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 89).

Retomando a discussão do teor testemunhal, o testemunho enquanto *testis*, aquele que guarda relação com a capacidade de julgamento, da visão e do terceiro na cena, está mais próximo da noção do “*testimonio*”. A necessidade do testemunho também está presente aqui, como é assinalada pelos sobreviventes da *Shoah*. Se nos estudos europeu e norte-americano a necessidade de testemunhar é compreendida a partir do testemunho enquanto *superstes* e da sua face traumática, na América Latina essa necessidade tem relação com o campo jurídico, e objetiva obter justiça para suas vítimas (SELIGMANN-SILVA, 2005).

Por último, observa-se um movimento muito particular no “*testimonio*” que é o uso da oralidade. Não existe necessariamente uma escolha por esta via de testemunho, mas ela se dá, sobretudo, pelas condições de exploração de suas vítimas, a maioria analfabeta. É possível identificar, neste testemunho que nasce na boca, a figura de um mediador, alguém que se empresta ao trabalho de escrita do testemunho (SELIGMANN-SILVA, 2005).

Outra dimensão do testemunho que tem surgido nos últimos anos, diz respeito ao testemunho dado em redes sociais de comunicação. Movimentos como estes têm sido comuns, principalmente, entre mulheres, e se destaca entre eles características, como o anonimato, a rapidez com que chega a milhares de pessoas, além da velocidade com que identificações, compartilhamentos de experiências semelhantes e apoio são oferecidos a quem publica seu testemunho.

4.3 Efeitos subjetivos da narração

Retoma-se aqui um questionamento feito anteriormente sobre os efeitos subjetivos da narração de experiências traumáticas, sobretudo das experiências de violência sexual vividas por mulheres durante a infância. Recorre-se ao que Benjamin (1936, p. 205) descreve como sendo a figura do narrador e seu ofício. O autor fala de um declínio ou perda da experiência, que é entendida como uma perda da tradição compartilhada por uma comunidade, bem como da possibilidade de retomá-la ou transformá-la a cada vez que é ensinada à geração seguinte. Experiência que é transmitida a partir do trabalho da narração, já que a narrativa “mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1936, p. 205). A perda assinalada pelo autor tem por consequência o perecimento também desta narração tradicional, que é também uma forma artesanal de comunicação.

Gagnebin (2006) reflete que a partir desse desaparecimento uma outra narração torna-se possível, proveniente, principalmente, das ruínas da narrativa e da transmissão de uma tradição em pedaços. Esse narrador apresentado por Benjamin, segundo a autora, “deve muito mais apanhar tudo aquilo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não sabe o que fazer” (GAGNEBIN, 2006, p. 54). Como elementos que sobram no discurso histórico a autora destaca o sofrimento proveniente do horror da guerra, também apontado por Benjamin (1936, p. 198) quando observa que ao final da guerra “[...] os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiências comunicáveis”. O que está em jogo aqui para os dois autores é a condição paradoxal de narrar o inenarrável da experiência traumática. A exigência da memória presente na tarefa da narração, presentifica-se na narração do trauma a partir da rememoração da cena traumática:

Tal rememoração implica uma certa ascensão da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalçado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (GAGNEBIN, 2006, p. 55).

Pensando nas dimensões de retomada e de transmissão, próprias ao narrador, e também ao sobrevivente, a autora propõe uma ampliação do conceito de testemunho que consiga compreender também a condição de um “terceiro”, conceito trabalhado por Hélène Piralian e Janine Altounian, retomado por Gagnebin (2006), entendido como alguém que está

à parte dos personagens da cena traumática, ou seja, alguém que não é nem vítima e nem agressor. Define, então, a testemunha como:

[...] aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (GAGNEBIN, 2006, p. 57).

A perspectiva dada pela autora à dimensão do testemunho se aproxima também do que Benjamin propõe como ofício do narrador. Ambos destacam o trabalho de escuta como importante para a realização da tarefa, seja ela narrar seja ela testemunhar; e mais, não só a escuta como um fim, mas como uma possibilidade de transformação, pois, se de um lado a experiência - tradição, para ser repassada precisa ser mergulhada na vida do narrador, em outras palavras, precisa ser introjetada por este e fazer parte de seu universo simbólico, o testemunho, também convoca o outro, o terceiro, a servir de mediador e a dar ressonância às palavras do sobrevivente.

Gondar e Antonello (2016) também afirmam a existência de um efeito terapêutico no testemunho advindo de alguém que se coloca como terceiro e tecem suas considerações a partir da figura do analista. Para que alguém testemunhe o testemunho do sobrevivente, os autores destacam três pontos importantes acerca da função da testemunha. O primeiro aponta para uma discussão já feita aqui, o testemunho não acontece ao modo do *testis*, não se trata de ocupar o “[...] lugar do pai, do simbólico ou de uma lei capaz de dar fim ao litígio entre duas partes” (GONDAR E ANTONELLO, 2016, p. 19). A função do terceiro como testemunha não se configura na ocupação de um lugar específico, mas na participação da instauração de um lugar, chamado pelos autores, de “estado potencial”. Esse lugar “[...] é intersticial, informe, nem dentro e nem fora, nem dizível nem visível, funcionando como laboratório de intensidades afetivas à procura de configuração”. A testemunha não está neste lugar como alguém que julga ou suspeita daquilo que é falado, mas como um acolhedor da literalidade e da fragmentação presentes na narrativa, do mesmo modo que não se espera uma coerência ou uma unicidade no relato do sobrevivente.

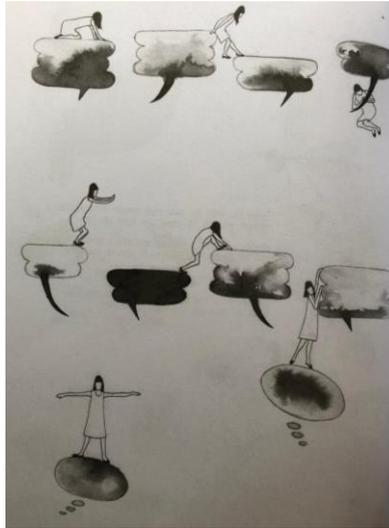
O segundo elemento destacado pelos autores como inerente à função de testemunha diz respeito à acolhida e à escuta. Não se trata apenas de adotar uma postura de escuta que acolhe a narrativa, mas, sobretudo, se trata de reconhecer o sofrimento narrado. Se o traumatismo é fruto do descrédito, o que leva inclusive o sujeito a duvidar de suas próprias percepções e pensamentos, é o reconhecimento que faz frente ao negacionismo e permite ao

sujeito validar suas percepções, pensamentos e sentimentos. (FERENCZI 1934/1992). No reconhecimento proposto pelos autores “[...] não se trata de reconhecer o que um sujeito é, mas sim de reconhecê-lo naquilo que ele pode ser, em suas potencialidades. Reconhecer a singularidade de alguém, nesses termos, significa abrir, em um presente congelado pelo traumatismo, suas possibilidades de futuro” (FERENCZI, 1934/1992, p. 19). O terceiro ponto se trata do paradoxo contido no ato de testemunhar, já citado anteriormente neste capítulo.

Antonello (2016) afirma que escrever um testemunho é trabalhar para tornar as memórias ultraclaras do trauma um pouco mais obscurecidas. O autor retoma as considerações feitas por Freud na *Carta 52*, acerca de uma das modalidades da memória, justamente àquela que é feita de signos de percepções, ou seja, “[...] impressões sensíveis que não se inscreveram no psiquismo como traço” (GONDAR, ANTONELLO, 2016, p. 20), outro ponto fundamental para Una. O autor se refere às memórias do trauma como ultraclaras, pois, na impossibilidade da representação, conservam-se de modo literal no psiquismo do sujeito traumatizado, são vívidas ao ponto de ofuscar as demais memórias e eventos vividos. “Os testemunhos são, sob esse viés, formas de resistir, de sobreviver – atos de saúde, de vida, pois ao narrar suas catástrofes subjetivas, os sujeitos empreendem uma luta para obscurecer a claridade devoradora do traumático” (GONDAR, ANTONELLO, 2016, p. 21).

Na *graphic novel* apresentada anteriormente, a personagem Una, ao mudar do lugar onde morava e escolher um novo nome para si mesma, relata que queria ser escutada e que o único meio para que isso acontecesse era falando sobre sua história. A história não se prolonga muito a partir desta decisão, na verdade, tal decisão é apresentada juntamente com as novas relações que a personagem estabeleceu no novo lugar. Fala de seus amigos e da família que construiu ao mesmo tempo em que a necessidade de falar encontra um meio de ser suprida. Se antes carregava um balão de texto pesado e vazio, a ilustração adquire uma nova forma e é apresentada com Una, brincando e saltando por diferentes balões, como na imagem abaixo:

FIGURA 9 – Ilustração presente na obra Desconstruindo Una



Fonte: Obra literária Desconstruindo Una (2016)

Pensando nas narrativas escritas de violência sexual vivida por mulheres durante a infância, questiona-se sobre a função do leitor: poderia ele ser o terceiro que não compõe a dupla vítima-agressor e, assim, ser testemunha da violência sofrida? E se esse leitor for também uma mulher que durante sua infância sofreu atos de violência sexual? Quais seriam os efeitos subjetivos advindos de um encontro como esse? É partindo desses questionamentos que o próximo tópico foi construído.

4.4 Empréstimo da palavra

Recentemente têm surgido muitos movimentos midiáticos acerca do rompimento do silêncio sobre a violência sexual. No âmbito internacional, cita-se o *#MeToo*, movimento iniciado em 2017 em uma rede social que incentivou milhares de pessoas, principalmente mulheres, a compartilharem suas histórias. Movimento semelhante aconteceu no Brasil em 2016 quando várias ginastas denunciaram os abusos sofridos por parte de um dos treinadores da equipe. Mais recentemente uma série de denúncias foi feita desde 2018 de um médium famoso no Brasil. Uma página de rede social, chamada *Conte para alguém*, organizada por uma psicóloga e por uma ilustradora, recebe relatos de pessoas que foram violentadas sexualmente, mas que nunca falaram sobre a experiência traumática, e os posta de forma anônima, junto com um desenho elaborado pelas administradoras. A ilustradora, segundo as considerações de Antonello (2016) sobre o conceito de figurabilidade, exerce uma função

importante junto ao relato feito, pois, recolhe o que foi dito, muitas vezes de forma confusa, fragmentada e literal, em uma imagem.

Essas mobilizações de quebra de silêncio têm um forte caráter de coletividade, pois se iniciam a partir dos relatos uns dos outros. É difícil localizar um nome ou um rosto que esteja em todo o movimento, certamente alguém o inicia, mas aos poucos se mistura com as outras vozes que começam a surgir nesse ínterim. É comum que se fale de “incentivo”, “influência” ou “encorajamento” como objetivos da mobilização, se espera que uma vítima ao ler uma história que narra uma experiência de violência semelhante à sua encontre um lugar aberto para a sua própria experiência narrativa. É também uma forma do coletivo proteger um eu narcisicamente ferido.

O que representa a obra escrita por Una que se propõe a recordar sua própria infância e experiências de sofrimento para outras mulheres que estão sob o silêncio e não sabem como começar a narrar sua história? A dimensão do empréstimo da palavra é pensada a partir da tarefa de transmissão do narrador e também da testemunha de Gagnebin (2006, p. 57) que “aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro”. É possível supor que outras mulheres se utilizem das palavras usadas em narrativas, como a de Una, e tantas outras obras produzidas por mulheres, para contarem suas experiências de violência. A palavra escrita funciona enquanto mediadora e permite que uma costura, entre narrativas diversas de uma experiência semelhante de sofrimento, aconteça. O uso da palavra de outra narrativa exige desse sujeito que a toma emprestado um mergulho em sua própria experiência, para daí retirar algo que tem também a sua própria marca.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de violência sexual pode ser traumática para muitas mulheres que não encontram condições, psíquicas e sociais, de elaboração de seu sofrimento. A escrita se apresenta como meio possível para a narração de uma violência traumática. Una, a autora, se utiliza desse meio para recordar seu passado de sofrimento, e também para denunciar o silêncio, a angústia, a vergonha, o medo e a paralisia advindas de experiências como essas. Um caráter importante de ser ressaltado de sua obra é a construção investigativa que fez do caso do Estripador de Yorkshire. Um dos impasses da investigação tinha relação com a ideia de agressor e de assassino que foi feita na época, era impossível de se conceber que um homem “comum” pudesse estar por trás dos crimes cometidos. A história de Una narra justamente esse contraste. Una mostra e fala para seus leitores que os agressores de sua personagem são amigos, vizinhos e namorados. Sendo este um dos fatores relacionados ao silêncio e à falta de denúncias: a proximidade com os agressores.

Outra dimensão do silêncio está relacionada com a identificação ansiosa com o agressor. Aqui não se trata mais de uma proximidade física, mas de uma incorporação violenta do adulto agressor. A clivagem traumática surge como uma saída possível à criança, a fim de se retornar ao estado anterior de ternura e de garantir a função do adulto como um mediador, já que em sua condição, a criança não pode simplesmente se desfazer daqueles que são sua referência (FERENCZI 1933/1992).

O presente *graphic novel* aborda um viés jurídico e social da violência sexual. A autora traz dados estatísticos de notificações, história de outras mulheres e de movimentos que lutam pela defesa e em prol das vítimas prestando serviços de apoio, bem como faz um recorte de gênero para denunciar as desigualdades existentes, e questionamentos acerca das “provas”, tão caras ao campo jurídico, que são exigidas para a alegação de que uma violência foi cometida, ou além, provas da veracidade do ocorrido e da palavra da vítima, que são submetidas então a um julgamento.

No extremo oposto a essa experiência do testemunho enquanto *testis*, há a possibilidade de um segundo e de um terceiro modo de se testemunhar. Gostaria de destacar aqui o terceiro modo quando entra em cena a testemunha do testemunho feito pela sobrevivente. É a partir da instauração de um lugar de escuta, de acolhimento, e, principalmente, de reconhecimento do sofrimento dessas mulheres que a cena traumática passa a ganhar, o que Hélène Piralian (2000), citada por Seligmann-Silva (2008, p. 69), chama de uma tridimensionalidade advinda da simbolização:

Ao invés da imagem calcada e decalcada, chata, advinda do choque traumático, a cena simbolizada adquire tridimensionalidade. A linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados.

Outro meio que surge como espaço psíquico de subjetivação do trauma é a literatura. De acordo com Gondar e Antonello (2016, p. 21) é também o encontro entre livro e leitor que permite ao autor endereçar seus relatos fragmentários e, assim, estabelecer conexões, ou seja, “[...] contar a história e ser ouvido, lido, reconhecido num espaço clínico ou comunitário que aceite e compartilhe os titubeios, a ausência de ordem cronológica, o sofrimento da experiência”.

O intuito de se abordar a *graphic novel* de Una, não está em estabelecer um estatuto para a sua obra ou um diagnóstico da autora ou de sua personagem, mas apresentar um caminho possível para se pensar o traumático e a dimensão do testemunho, por meio da escrita e do movimento de costura e de empréstimo da palavra, que permite que a escrita e a narração do trauma seja feita por muitas mulheres que não sabem como iniciá-la. As páginas finais da obra de Una são desenhos das vítimas do Estripador de Yorkshire, a escritora lamenta que não exista um memorial para elas, ao contrário do agressor, para quem fizeram análises, documentários, séries de TV e filmes, como exposto abaixo:

Enquanto eu crescia, treze mulheres perderam a vida por causa de um homem. Não há um memorial para elas. Elas existem apenas na memória de seus entes queridos... ou como retratos embaçados nos inúmeros livros e websites feitos por pessoas fascinadas pelo homem que as matou. Um de muitos. Me pergunto o que elas estariam fazendo agora (UNA, 2016, p. 169).

A autora imagina como teria sido a vida dessas mulheres se elas estivessem vivas e nas treze páginas seguintes, Una desenha as vítimas, já em idade avançada, realizando atividades corriqueiras: regando uma planta, assistindo, limpando. Ao lado de seus familiares e amigos.

A violência sexual contra crianças e adolescentes se apresenta como um desafio não só para a clínica psicológica, mas para toda a rede de atenção envolvida na proteção e na promoção de saúde à crianças e aos adolescentes. Outros desdobramentos que podem advir deste contexto incluem as reverberações nas famílias e em como estas podem também sofrer ou silenciar diante das violências, ou experiências, traumáticas.

Este trabalho aponta também para um caminho possível de escuta da violência sexual contra crianças e adolescentes nos dispositivos de saúde da atenção básica e nos demais

dispositivos onde o psicólogo está inserido, como os que fazem parte do Sistema único de Assistência Social (SUAS).

REFERÊNCIAS

ANTONELLO, Diego Frichs. **Trauma, memória e escrita: uma articulação entre a literatura e a psicanálise**. 2016. 158 p. Tese (Doutorado em Memória Social)-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11546/Tese%20-%20Diego%20Frichs%20Antonello.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 08 de fev. de 2021.

BALINT, Michael. Prefácio do Dr. Michael Balint. In: FERENCZI, Sándor. **Obras Completas: Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. Prefácio do Dr. Michael Balint. In: FERENCZI, Sándor. **Obras Completas: Psicanálise II**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Estatuto da Criança e do Adolescente. LEI 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm> Acesso em: 2 de mar. de 2021.

BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Lei 13.431/2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113431.htm> Acesso em: 2 de mar. de 2021.

CHILDHOOD. **Entenda a diferença entre abuso e exploração sexual**. 2015. Disponível em: <<https://www.childhood.org.br/entenda-a-diferenca-entre-abuso-e-exploracao-sexual>> . Acesso em: 2 mar. 2021.

_____. **A violência sexual infantil no Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://www.childhood.org.br/a-violencia-sexual-infantil-no-brasil>> Acesso em: 2 mar. 2021.

FBSP. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Violência Sexual**. 2018. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/estatisticas/>>. Acesso em: 2 mar. 2021.

FERENCZI, Sándor (1909). Transferência e introjeção. In: **Obras Completas: Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 77-108.

_____. (1912). O conceito de introjeção. In: **Obras Completas: Psicanálise I**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 181-183.

_____. (1923). O sonho do bebê sábio. In: **Obras Completas: Psicanálise III**. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 223-224.

_____. (1930). Princípio de relaxamento e neocatarse. In: **Obras Completas: Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 53-68.

_____. (1931). Análise de crianças com adultos. In: **Obras Completas: Psicanálise IV**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 69-83.

_____. (1932). **Diário Clínico**: A propósito da “afirmação do desprazer”. São Paulo: Martins Fontes, 1990, pp 64-67.

_____. (1933). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: **Obras Completas**: Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 97-106.

_____. (1934). Reflexões sobre o trauma. In: **Obras Completas**: Psicanálise IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 109 - 117.

FREUD, Sigmund. (1907) O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen. In. **Obras Completas** [tradução de Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, vol. 8, p. 13-122.

_____. (1917) A angústia. In. **Obras Completas** [tradução de Sergio Tellaroli]. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, vol. 13, p. 519-544.

_____. (1920) Além do princípio do prazer. In. **Obras Completas** [tradução de Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 13, p. 161-239.

_____. (1926) Inibição, sintoma e angústia. In. **Obras Completas** [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, vol. 17, p. 13- 123.

_____. (1932) Angústia e instintos. In. **Obras Completas** [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 18, p. 224-262.

GAGNEBIN, J. M. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Editora 34, 2006. 222p.

GONDAR, Jô; ANTONELLO, Diego Frichs. O analista como testemunha. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 27, n. 1, p. 16-23, abr. 2016 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642016000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 de fev. 2021.

MARTINS, Karla Patricia Holanda. Freud e a Literatura: destinos de uma travessia. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza , v. 10, n. 2, p. 675-681, jun. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 fev. 2021.

MIRANDA, Helena Floresta de. Confusão de línguas: eficiência e deficiências da tradução. In: VERZTMAN, Julio et al. (org). **Sofrimentos narcísicos**. Rio de Janeiro: Cia de Freud: UFRJ; Brasília, DF: CAPES PRODOC, 2012. p. 39-48.

MORAES, Débora Ferreira Leite de. **Ensaio psicanalítico para uma metapsicologia do leitor literário**: uma leitura de Água viva de Clarice Lispector. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.47.2011.tde-31082011-121002. Acesso em 18 fev. 2021.

OSMO, Alan; KUPERMANN, Daniel. Confusão de línguas, trauma e hospitalidade em Sándor Ferenczi. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 17, n. 2, p. 329-339, Jun. 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000200016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 Nov. 2020.

PACHECO-FERREIRA, Fernanda. Algumas questões sobre a angústia e sua relação com a vergonha. In: VERZTMAN, Julio et al. (org). **Sofrimentos narcísicos**. Rio de Janeiro: Cia de Freud: UFRJ; Brasília, DF: CAPES PRODOC, 2012. p. 165-183.

PINHEIRO, Teresa. **Ferenczi**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2016. 208 p.

PINHEIRO, Teresa et al . Patologias narcísicas e doenças auto-imunes: algumas considerações sobre o corpo na clínica. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 1, p. 193-204, 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652006000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 jan. 2021.

ROSENBAUM, Yudith. Literatura e psicanálise: reflexões. **Revista Fronteira Z**, São Paulo, n. 9, dezembro de 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/13039/9539>> Acesso em 18 fev. 2021.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. **Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**: São Paulo, v. 1, n. 30, p. 71-98, jun. 2005. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2255>> Acesso em: 04. mar. 2021.

_____. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro , v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Abr 20.

_____.O local do testemunho. **Metamorfoses - Revista de Estudos Literários Luso-Afro-Brasileiros**, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 177-194, 23 nov. 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/metamorfoses/article/view/21820>>. Acesso em: 04 mar. 2021.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. **Psyche (Sao Paulo)**, São Paulo , v. 9, n. 16, p. 115-132, dez. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 18 fev. 2021.

UNA. **Desconstruindo Una**. [tradução de Carol Christo]. São Paulo: Nemo, 2016. 207 p.

_____. Papo com Una, autora de Desconstruindo Una:“Sem o feminismo, minhas experiências não faziam sentido”. [Entrevista concedida a] Carolina de Assis. **Blog Vitralizado**. Outubro de 2019. Disponível em: <<https://vitralizado.com/hq/papo-com-una-autora-de-desconstruindo-una-sem-o-feminismo-minhas-experiencias-nao-faziam-sentido/>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

VENTURI, Camilo. VERZTMAN, Julio. Interseções da vergonha: na cultura, na subjetividade e na clínica atual. In: VERZTMAN, Julio et al. (org). **Sofrimentos narcísicos**. Rio de Janeiro: Cia de Freud: UFRJ; Brasília, DF: CAPES PRODOC, 2012. p. 119-145.

VERZTMAN, Julio Sergio. O observador do mundo: a noção de clivagem em Ferenczi. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro , v. 5, n. 1, p. 59-78, Junho 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982002000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Maio 2020.

_____. Culpa e Vergonha. 2017. (49m30s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XSEIIHOjdPA>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

VERZTMAN, Julio et al . Patologias narcísicas e doenças auto-imunes: discussão da metodologia de pesquisa. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo , v. 9, n. 4, p. 647-667, Dez. 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142006000400647&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 jan. 2021.

ZYGOURIS, Radmila. A vergonha de si. In: Ah! As belas lições! [tradução de Caterina Koltai]. São Paulo: Escuta, 1995, p. 159- 172.